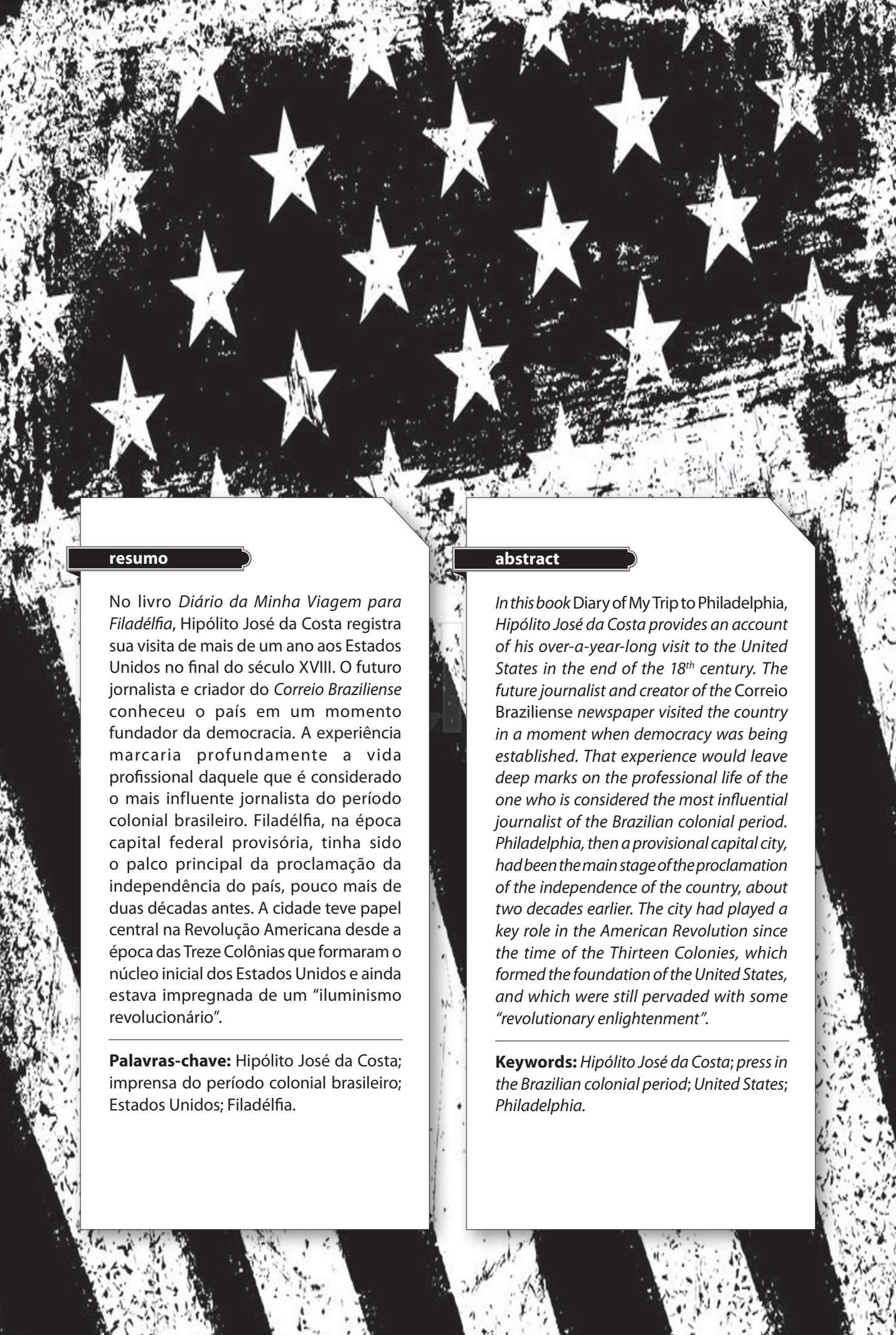


***Hipólito da Costa visita  
a jovem democracia yankee***

*Oscar Pilagallo*



### resumo

No livro *Diário da Minha Viagem para Filadélfia*, Hipólito José da Costa registra sua visita de mais de um ano aos Estados Unidos no final do século XVIII. O futuro jornalista e criador do *Correio Braziliense* conheceu o país em um momento fundador da democracia. A experiência marcaria profundamente a vida profissional daquele que é considerado o mais influente jornalista do período colonial brasileiro. Filadélfia, na época capital federal provisória, tinha sido o palco principal da proclamação da independência do país, pouco mais de duas décadas antes. A cidade teve papel central na Revolução Americana desde a época das Treze Colônias que formaram o núcleo inicial dos Estados Unidos e ainda estava impregnada de um “iluminismo revolucionário”.

**Palavras-chave:** Hipólito José da Costa; imprensa do período colonial brasileiro; Estados Unidos; Filadélfia.

### abstract

*In this book Diary of My Trip to Philadelphia, Hipólito José da Costa provides an account of his over-a-year-long visit to the United States in the end of the 18<sup>th</sup> century. The future journalist and creator of the Correio Braziliense newspaper visited the country in a moment when democracy was being established. That experience would leave deep marks on the professional life of the one who is considered the most influential journalist of the Brazilian colonial period. Philadelphia, then a provisional capital city, had been the main stage of the proclamation of the independence of the country, about two decades earlier. The city had played a key role in the American Revolution since the time of the Thirteen Colonies, which formed the foundation of the United States, and which were still pervaded with some “revolutionary enlightenment”.*

**Keywords:** Hipólito José da Costa; press in the Brazilian colonial period; United States; Philadelphia.

**D**ez anos antes de fundar em Londres o primeiro jornal brasileiro, o *Correio Braziliense*, em 1808, Hipólito José da Costa empreendeu uma viagem de mais de um ano aos Estados Unidos, que influenciaria decisivamente suas opiniões sobre democracia e liberdade de expressão.

Em 1798, aos 24 anos, aquele que se tornaria o jornalista brasileiro mais influente do período colonial atravessou o Atlântico em missão oficial do governo português. Nascido em Nova Colônia do Santíssimo Sacramento, um enclave português que hoje pertence ao Uruguai, Hipólito fez os primeiros estudos em Porto Alegre e, como boa parte da elite brasileira da época, se formou em Portugal, na Universidade de Coimbra.

A oportunidade de conhecer a América surgiu três meses após se formar em filosofia e direito, graças à indicação de D. Rodrigo de Souza Coutinho, ministro da Marinha e dos Negócios de Ultramar e futuro Conde de Linhares. Além do padrinho poderoso, Hipólito contava com um perfil adequado para o trabalho. Eclético, ele dominava conhecimentos que iam além de sua formação acadêmica e o capacitavam, por exemplo, a estudar o cultivo de plantas eventualmente úteis ao Brasil.

A aventura de Hipólito – documentada no livro *Diário da Minha Viagem para Filadélfia* –

começou no porto do Rio Tejo em 10 de outubro de 1798, a bordo da corveta William. Devido às condições climáticas adversas, a embarcação não partiu no dia previsto, o que deu ao viajante a oportunidade de testemunhar os festejos em Lisboa pelo nascimento, em Queluz, daquele que, quando alcançasse a sua idade, proclamaria a independência do Brasil. A vinda ao mundo de D. Pedro foi registrada em 13 de outubro:

“Ontem [...] salvaram todas as torres e vasos de guerra e se iluminou a cidade. Hoje de manhã tornou a haver salva e indo à terra soube que S. Alteza tinha dado à luz um menino, porque me disseram algumas pessoas que o sinal fora de três triângulos de luzes, o que se costuma fazer quando é menino, sendo só dois quando é menina”.

Com 175 toneladas e uma pequena tripulação (um capitão, um piloto, sete marinheiros e “um preto, cozinheiro”), a corveta permaneceria mais uns dias ancorada. “Demos à vela de Lisboa terça-feira, 16 de outubro e de hoje até então, que é o quinto dia de viagem, um violento enjoo me obstou a que pudesse escrever meu diário...”

A travessia, de qualquer maneira, foi rápida para os padrões da época. Em menos de dois meses, Hipólito chegava à América, quando “o ordinário destas viagens são 60 dias”. Em 4 de

---

**OSCAR PILAGALLO** é jornalista e autor de, entre outros, *História da Imprensa Paulista* (Três Estrelas).

dezembro, ele anotou: “Hoje, pouco depois da meia-noite, vimos o farol do Cabo Henlopen, [...] toda esta costa é muito baixa e se assemelha ao Rio Grande”. Situado ao sul da Baía de Delaware, o cabo se chamava originalmente Hinlopen, batizado com o nome de Thijmen Jacobsz Hinlopen, um comerciante holandês, o que dá a medida da influência de seus conterrâneos na costa leste dos Estados Unidos.

O William aportou em 6 de dezembro, fim de outono, com temperaturas que indicavam a proximidade do inverno rigoroso. “Hoje pelas 9 horas, veio para bordo o piloto da barra”, escreveu Hipólito. “Neste tempo diminui a multiplicidade de botes de pilotos que aqui há porque a maior parte pertence à Filadélfia, e o gelo os não deixa descer.” Quatro dias mais tarde, registrou: “O navio estava encalhado, [...] felizmente rolou para uma parte onde era lodo, de modo que não teve dano nenhum [...] mas as velas e os cabos tinham adquirido no dia antecedente uma crusta vítrea de neve que parecia tudo envernizado, e não se podiam alar os cabos nem ferrar ou largar as velas”.

O destino principal de Hipólito era a Filadélfia, mas antes ele passou por New Castle – até hoje é um vilarejo, com pouco mais de 5 mil habitantes –, onde contou 50 casas de tijolos. “New Castle é o lugar onde se tentou pela primeira vez edificar Filadélfia [...] há 60 anos. Foi primeiro edificado por suecos em 1627, com o nome de Stokolmo; depois, tomado pelos holandeses e chamado de New Amsterdam, depois pelos ingleses que lhe deram o presente nome.” Para sua surpresa, o lugarejo oferecia novidades mesmo a um viajante cosmopolita vindo de um grande centro europeu: “Aqui vi pela primeira vez os *leads* ou carroças sem rodas, que se arrastam por cima do gelo por cavalos, dois ou mais”.

O futuro jornalista finalmente chegaria à Filadélfia em 13 de dezembro, dois meses depois de ter zarpado. A nevasca impediu o navio de subir o rio até seu destino. Hipólito foi obrigado a desembarcar e, com o comandante, fazer os últimos oito quilômetros a pé “porque não encontramos nem cavalgadura nem sege”. O viajante logo se instalou numa estalagem, onde pagaria 15 dólares por semana, “por mim e o meu cria-

do”. Lá, protegido do mau tempo, montou um posto avançado de observação da sociedade que estava prestes a conhecer, da “paisagem urbana de um país que recém se refazia da luta pela independência”, como nota Francisco Riopardense de Macedo, em texto introdutório do *Diário*, na edição comemorativa de 1974, ano do bicentário de nascimento de Hipólito.

Filadélfia era o lugar certo para se estar se o viajante quisesse estudar de perto a jovem democracia americana. Palco principal da proclamação da independência do país, pouco mais de duas décadas antes, a cidade teve papel central na Revolução Americana, desde a época das Treze Colônias que formaram o núcleo inicial dos Estados Unidos. Foi nessa cidade, por exemplo, que em 1774 se realizou o Primeiro Congresso Continental, que exigia da Grã-Bretanha o fim dos entraves ao desenvolvimento das colônias, e lá também foi assinada, em 4 de julho de 1776, a Declaração da Independência.

A importância da Filadélfia se deve, em boa parte, ao fato de lá ter vivido o célebre político e cientista Benjamin Franklin, um dos artífices do nascimento do novo país, que morreu aos 84 anos em 1790, oito anos antes de Hipólito pisar em suas largas ruas pavimentadas, muitas iluminadas a gás, resultado do mais antigo plano de desenvolvimento colonial dos Estados Unidos. No período em que o brasileiro lá morou, a Filadélfia ainda era a capital federal provisória, condição que manteria até 1800, um pouco depois de sua partida, quando a sede do governo seria transferida para uma Washington recém-construída. Apesar do planejamento urbano, ainda havia muita improvisação. “As pontes são todas de madeira [...], são verdadeiramente barcos flutuantes atados uns aos outros por correntes de ferro.”

A atmosfera cultural no final do século XVIII, marcada pela valorização do conhecimento acadêmico entre os membros de uma elite esclarecida, começara a se formar desde os primórdios da colônia da Pensilvânia, que tinha na cidade de Filadélfia o seu epicentro político e administrativo. A colônia e a cidade foram fundadas pelo inglês William Penn, que chegou à América em 1682. Quacker dissidente, Penn defendia a igualdade, a tolerância e a não



O jornalista Hipólito José da Costa em retrato de 1811

violência, e garantia a liberdade de culto. Tal postura funcionou como um ímã que atraía os que se sentiam oprimidos por sua fé, ou ausência de fé, entre os quais, empreendedores e intelectuais. Penn legou à colônia mais do que o próprio nome (Pensilvânia significa “a floresta de Penn”). Empenhado em promover o humanismo, colocou a Filadélfia – nome que, não por acaso, em sua origem grega, tem o sentido de “amor fraternal” – nos trilhos do que um historiador chamaria de “iluminismo revolucionário”.

Foi essa a Filadélfia que Hipólito conheceu. A cidade ainda estava impregnada de uma mentalidade revolucionária, mas os avanços civilizatórios nem sempre eram perceptíveis a um visitante da Europa. Para começar, o autor não compra pelo valor de face a ideia de uma “Atenas da América”, como seria posteriormente chamada. Reproduz, de um almanaque, um inventário educacional: havia nos Estados Unidos sete universidades, 16 colégios e 60 academias. Mas comenta que um certo bostonense “teve a imprudência de dizer a um inglês que as universidades de Inglaterra e Escócia esta-

vam 50 anos mais atrasadas que a Universidade de Cambridge, em Boston. Esta anedota, para mim, que observei a tal universidade, me prova bem o orgulho e a petulância dos americanos”.

Em alguns trechos, Hipólito olha os americanos de cima para baixo. Afinal, eles são os *yankees*, neologismo que aprende e do qual procura traçar a etimologia. “Informando-me sobre esta palavra soube que dão por escárnio, ou por graça, ou simples brinco, aos habitantes dos quatro Estados do Norte que formam a chamada Nova Inglaterra; supõe que provém de um povo selvagem de que os primeiros colonos ocuparam o terreno e que habitava entre Connecticut e Massachusetts.” Atualmente, a palavra “ianque”, na forma aportuguesada, é usada para se referir aos americanos em geral, muitas vezes, mas nem sempre, de maneira crítica. A origem do termo descrita por Hipólito está em linha com a raiz hoje estabelecida. Segundo o *Houaiss*, apesar da origem obscura do termo, o étimo mais provável vem do popular nome próprio holandês Janke, diminutivo de Jan, equivalente ao nosso João, e que se pronuncia “yanke”. A palavra passaria a ser mais usada durante a Guerra de Secessão (1861-1865) para se referir aos soldados confederados dos Estados do Norte.

Hipólito não esconde certo ar de superioridade. Pianista amador, por exemplo, não resiste a alfinetar: “Têm os americanos em New York propensão para a música; em quase todas as casas há um piano, mas vê-se bem que inda são muito noviços na arte”. Além disso, mantêm o nariz empinado ao andar pelas ruas. O brasileiro que vivia em Portugal reparou na “pobreza dos prédios” e na “falta de asseio nas ruas”, como registrou Macedo na introdução. Também lhe causaram espécie os “costumes mais ou menos grosseiros, contrastando com o Velho Mundo”.

Dessa perspectiva, liberal mas elitista, Hipólito mapeou o embrião da América moderna. O caminho em direção a uma democracia consolidada estava longe de lhe parecer uma estrada reta, com a “nação dando os primeiros passos num regime novo, ensaiando liberdades e contradizendo-se a cada passo”, nas palavras de Macedo.

Na questão religiosa, por exemplo, a liberdade não estava, na prática, tão enraizada quanto professava o discurso dos entusiastas

de Penn. Hipólito fez anotações que revelam algumas contradições. Em certo dia escreve: “É mesmo costume em tantas famílias não ensinar alguma religião aos seus filhos”. Em outro faz um contraponto: “Em Filadélfia só se é obrigado a guardar os domingos, sob pena de prisão; nestes dias, se se encontra alguém bêbado pela rua é conduzido à prisão”. A propósito, conta um episódio, ocorrido em 25 de março de 1799, em que ele próprio foi personagem. “Hoje de manhã estava em minha casa a jogar o florete [quando] recebi o recado de um padre de uma igreja luterana para que não jogasse o florete em minha casa visto que era a primeira 8ª da Páscoa.” A repreensão o levou a refletir: “Eis aqui a tolerância dos americanos, que um padre me quer obrigar a guardar um dia de festa que não é domingo, sem saber a que comunhão ou religião eu pertença”. E concluiu: “Tenho já notado, em outro lugar, que a intolerância é tal que enquanto estão nas igrejas cercam as ruas com cadeias de ferro para não passarem carruagens ou cavalos, impedindo com o exercício da religião o uso público das ruas”.

Hipólito, porém, não diminui a importância da questão religiosa na construção da democracia americana. “A revolução da América data de Carlos II de Inglaterra”, diz o viajante. Para ele, “os puritanos que fugiram para a Nova Inglaterra, [...] os quackers que se refugiaram em Pensilvânia, e os católicos que se estabeleceram em Maryland, [...], todos estes, digo, impelidos pelas opressões que receberam no tempo de Carlos II, tiveram sempre uma tendência para a liberdade e para estabelecer a tolerância religiosa, pela falta da qual eles tinham sofrido muitos vexames”. Mas a tolerância não estava arraigada culturalmente. “Inda que os católicos sejam tolerados, contudo as outras seitas, e principalmente os presbiterianos, os desprezam e tratam de supersticiosos”, escreveu Hipólito. “Quando o *Chief Justice* Mr. Hean foi proposto para governador, entre outras coisas que os seus inimigos alegavam ao povo para o fazer aborrecido, foi que ele era católico, romano, enumerando isto entre outros vícios.”

Durante a prolongada visita à Filadélfia, Hipólito se filiou à maçonaria, decisão que marcaria profundamente a sua vida na volta para

a Europa. Nos *Diários*, porém, há poucas referências ao tema. O autor diz ter sabido, durante a viagem de ida, que o “preto cozinheiro” da corveta era maçom, mas não vai além disso. Já na América, antes de chegar à Filadélfia, menciona, sem comentar, ter identificado uma casa de maçom em New Castle. “A primeira casa em que entrei foi uma estalagem muito bem provida e asseada; na bandeira de tábua que tinha sobre a porta estavam pintados um compasso e um esquadro, indicando ser isto casa de maçom ou para eles.” Há ainda algumas palavras dedicadas a Joseph Warren, maçom e herói americano morto em batalha no ano anterior à independência dos Estados Unidos. Warren é apresentado por Hipólito como um dos líderes da “resistência e oposição à exigência tributária inglesa”. Macedo, em seu texto, diz que o monumento em memória a Warren, visitado por Hipólito, “continha as armas dos pedreiros livres”.

Embora o jovem recém-formado nada diga no *Diário*, tem-se como certo que foi na Filadélfia que ingressou na maçonaria, um movimento secreto formado por iniciados que combatiam as tiranias e a Igreja, e que no Brasil fez oposição ao absolutismo de Portugal. É provável, portanto, que Hipólito tivesse bons motivos para preferir silenciar sobre o assunto. “Um de seus biógrafos diz que no dia seguinte de sua inscrição, alertado pelo cônsul português do perigo que isso representava, teria pedido cancelamento”, afirma Macedo. O perigo era real. De volta a Portugal, acusado de disseminar ideias maçônicas, foi preso por ordem dos tribunais da Inquisição em 1802. Ficou detido três anos, incomunicável, até fugir para a Inglaterra, onde estabeleceu a ligação entre lojas locais e portuguesas. Pouco depois, em 1808, criou o *Correio Braziliense*, em que defendia a independência do Brasil, movimento apoiado por vários maçons.

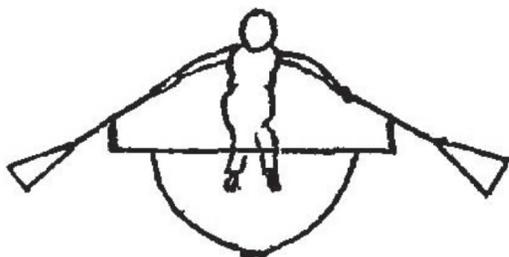
Hipólito também escreveu sobre a economia e a política dos Estados Unidos a partir de sua própria experiência. O viajante viveu com o conforto possível a um homem de sua condição social. Mas o dinheiro era curto. O governo português não lhe enviou todos os recursos prometidos e, depois de algum tempo, ele foi obrigado a pedir empréstimos para manter seus

planos. Mesmo assim, teve que cancelar a ida ao México, que estava inicialmente prevista.

Em fevereiro de 1799, registrou ter depositado no banco dos Estados Unidos 400 dólares “para não correr o risco de o ter em casa”. O episódio serve também para o leitor conhecer como funcionavam, no cotidiano, as instituições financeiras. “Deram-me um pequeno caderno onde me abriram uma conta de receita e despesa onde só eles deverão escrever.”

Na prática, Hipólito, como os americanos em geral, pagava contas com “um certificado em papel, bem aceito em toda a parte”, uma vez que havia escassez de dinheiro e ouro. A situação se refletia na Casa da Moeda local, um prédio de dois andares “sem grades de ferro nem segurança alguma”. O pouco metal disponível era importado. “O ouro que se cunha nos Estados Unidos vem da Costa d’África e a prata da Espanha e o cobre da Inglaterra, de modo que as minas aqui não fornecem algum metal para a moeda.”

Na nação que engatinhava, a segurança jurídica, que mais tarde seria um pilar do capitalismo americano, ainda era um conceito quase inexistente. “É difícilimo [...] comprar uma propriedade que esteja desembaraçada de dívidas. [...] A má fé dos americanos na venda de terras parece derivar-se do exemplo público.” Hipólito dá notícia do que ocorreu em outro Estado: “O antigo Congresso, antes da presente Constituição, deu terras aos militares em paga dos serviços – eles venderam essas terras depois. O Estado da Geórgia disse que o Congresso não tinha o direito de alienar essas terras que lhe pertenciam; passou em consequência a dispor delas e os primeiros compradores perderam o que tinham dado por elas”.



Desenho do autor no manuscrito original do *Diário da Minha Viagem para Filadélfia*

O autor também reparou na condição econômica modesta de grande parte da população. “Uma prova da pobreza das famílias nos Estados Unidos, apesar do grande luxo externo, é a grande quantidade de *boardings* e *lodgings* que há em New York”, escreveu sobre a cidade que visitou brevemente. “Quase todas as casas admitem gente para morar e comer por uma certa paga, ora isso não aconteceria se eles tivessem dinheiro.” E mais adiante: “Outra prova da pobreza do país é a falta de decoração dos edifícios; jamais se vê uma casa (mesmo pública) com suntuosas colunas, pórticos majestosos e outras superfluidades que se encontram na Europa”. Em sua percepção, outro sinal de “pobreza desta terra é que as rendas são pagas em frutos, principalmente no interior deste Estado [Nova York]”. No outro extremo da sociedade, o de mais posses, Hipólito percebeu uma prática que, ao contrário do costume em parte da Europa, evitava a concentração de bens, pelo menos no âmbito familiar. “Aqui há um uso geral (com algumas exceções) de se não darem dotes, o que contribui muito para a igualdade das fortunas, visto que os bens paternos se devem dividir, segundo a lei, pelos filhos igualmente.”

As reflexões de natureza política não abundam no *Diário*, apesar das oportunidades que Hipólito teve de tratar o assunto. Menos de um mês depois de chegar à Filadélfia, foi apresentado ao presidente americano, John Adams, numa festa no feriado de 1º de janeiro de 1799, “dia de Ano Bom, que aqui celebram muito”. Segundo presidente do país, Adams foi um dos responsáveis pela independência dos Estados Unidos, tendo ajudado Thomas Jefferson a redigir a Declaração da Independência. Mais tarde, seria o primeiro vice-presidente, no mandato de George Washington. Tomou posse como presidente no ano anterior à chegada de Hipólito e governou até 1801, sendo substituído por seu amigo Jefferson, para quem perdeu a eleição. Foi ele quem inaugurou a mansão na recém-construída Washington, que mais tarde ficaria conhecida como Casa Branca. Com seus escritos, influenciou decisivamente o pensamento político americano.

Se Hipólito conversou demoradamente com Adams, não deixou registro de sua visão de

mundo. Suas observações se limitam ao ambiente em que se deu o encontro. “Havia uma mesa com ponche, vinho e uns bolos, doces, que todas as pessoas eram obrigadas a provar, segundo a etiqueta, e que alguns comiam a faltar”, comentou. “Os senadores e pessoas mais qualificadas que entraram vinham uns de botas, outros sem pós nos cabelos, casacas velhas [...], de sorte que, à exceção dos ministros estrangeiros, todo o resto respirava muito pouca civilização.” Duas semanas mais tarde, Hipólito voltaria a se encontrar com Adams. Mais uma vez, ficou na superficialidade. “Hoje à noite fui a um baile que se fez em honra do presidente, no teatro da cidade. [...] As mesas, à ceia, não tinham criados para servir, não tinham pratos para se mudar; não havia facas e garfos senão de ferro; não se mudavam nem lavavam.”

Ainda sem um projeto editorial em mente – que só ganharia contornos ao morar em Londres no início do século XIX –, Hipólito testemunhou os primeiros passos da livre imprensa americana, com seus erros e acertos. Logo ao chegar, ainda em New Castle, entrou no correio e viu “pelas paredes muitos editais impressos para coisa de bagatela porque aqui como a imprensa é livre tudo se imprime para maior comodidade”. No mês seguinte, fez uma assinatura semestral, por quatro dólares, do *Aurora*, gazeta diária editada por Benjamin Franklin Bache, “um sobrinho do grande Franklin”. Não demorou para que notasse, em outras folhas, aspectos nada nobres do jornalismo agressivo, baseado em acusações pessoais não confirmadas e desprovidas de interesse público. “Em Filadélfia, e em geral nos E.U., é costume, quando alguém quer despicar-se de outrem, mandar pôr-lhe numa gazeta os fatos mais vergonhosos, que lhe sabe da vida; o outro responde do mesmo modo, e tem sucedido, algumas vezes, durar essa disputa nas gazetas um mês ou mais, descobrindo uns aos outros gerações de feitos pessoais, faltas das mulheres e filhas etc.”

O jovem viajante deixou algumas observações a respeito da mulher americana. Sobre suas vestes, disse: “As senhoras da América não usam pedras preciosas, raras vezes vestidos de seda, nunca bordados; o uso geral (de verão e de inverno) é um vestido de musselina mais fino ou mais grosso, segundo as posses ou qualidade

do dia, sempre muito lavado, e de uma brancura que desafia a neve”. Sobre a aparência: “As mulheres em New York são mais bonitas que em Filadélfia, tendo geralmente bons dentes, o que é raro entre as filadelfianas; porém, são muito mais desengonçadas, passeiam com as pontas dos pés para adiante, com longas passadas e depressa, ordinariamente”. Numa nota de rodapé, acrescentou, dando crédito a crenças da época: “Esta desordem de dentes, tão geral na América, é atribuída ao demasiado uso do chá, pois que a generalidade das mulheres, sendo bonitas, perdem este precioso ornato aos 18 anos, inda que há quem pense que isto é devido ao uso do pão quente”. Na noite gelada do Natal de 1798, lhe chamaram a atenção as prostitutas: “São tantas que inundam as ruas de noite, de modo que, em se vendo na rua, mesmo sem homem, é indefectivelmente; porém suas casas são sempre isentas de perigos, o contrário que em outras partes da Europa”.

O tom é sempre sóbrio e, mesmo quando os fatos narrados chocam, não há lugar para emoções em sua prosa basicamente descritiva. No início de janeiro de 1799, ele anota: “Hoje apareceu na rua, defronte de minha casa, uma criança recém-nascida, e morta na neve”. O episódio o leva a perguntar sobre crimes de infanticídio, que descobre serem muito comuns havia alguns anos. A razão, segundo apurou, seria a ausência da “roda de enjeitados”, um mecanismo, comum na Europa católica, de recolher recém-nascidos abandonados, garantindo o anonimato de quem não podia ou não queria ficar com a guarda da criança. Muito utilizada em Portugal e no Brasil, a roda consistia em um pequeno tambor instalado na parede externa de uma instituição de caridade, como as Santas Casas, dentro do qual uma portinhola giratória permitia que o bebê fosse entregue sem contato entre os adultos. A averiguação de Hipólito revela como a sociedade americana passou a lidar com a situação: “Agora, os infanticídios têm diminuído, depois da instituição do colégio de Wilmington, que é para educação de senhoras. Uma mulher recolhida, que se ache prenhe, se ausenta para o campo, para ocultar o seu estado, e a sua família publica que ela se acha em Washington etc.”

O autor se interessa particularmente sobre as prisões americanas, que lhe parecem melhores do que as europeias. A rotina dos cárceres por ele testemunhada mostra que, ao contrário do que se poderia imaginar, as condições dos presídios superam com folga as que vigoram ainda hoje em muitos países, Brasil inclusive. A descrição de um refeitório é ilustrativa: “Na mesa estão determinados os lugares dos presos. A mesa é coberta com uma toalha bem lavada, pratos de loiça, um prato pequeno no lugar de cada preso, com uma sopeira e um talher de ferro, mas tudo muito limpo”. Com um humor talvez involuntário, Hipólito prossegue no retrato da prisão: “Enquanto trabalham [os presos] não podem conversar uns com os outros [...]; é curioso notar aqui que as mulheres podem falar, e me disse o diretor [da prisão] que a razão desta concessão era ter-se achado impossível, na prática, o efetuar-se a proibição de falar nas mulheres”.

Algumas passagens parecem se referir a um colégio interno. “[Os presos] vão para os quartos então se acendem as luzes e cada quarto é uma escola para aprenderem a ler; os que mais sabem ensinam os outros. [...] Um é obrigado a ler para que os outros ouçam [...] a leitura é de um livro de devoção ou de moral.” A cena se desenrola a cada noite num ambiente em que prevalece o asseio: “A roupa da cama é sempre lavada e os colchões dispostos ao ar duas vezes cada semana”. Pelos relatos ouvidos pelo autor, “os presos se comportam bem porque a sua boa vida é um meio de alcançar empregos na prisão e depois obter mesmo o perdão”. Além disso, “o que os presos ganham é tão bem economizado que, quando saem, há sempre algum dinheiro que dar-lhes das suas sobras”.

Para Hipólito, os presos “não têm prazeres porque os não merecem homens condenados por crimes, mas não padecem misérias e adquirem sempre um hábito de virtude”. Sua conclusão é que “a prisão na Filadélfia é uma verdadeira casa de correção e a sua existência, há tantos anos, uma prova da possibilidade no melhoramento destas infames casas de correção e escolas de vício que têm o nome de prisões na Europa”. Tal realidade derivava das mudanças no código penal daquele Estado.

“A legislatura da Pensilvânia, em ato passado em 1793, declara no preâmbulo que o fim do castigo é prevenir os crimes, reparar a injúria; ora, estes objetos se obtêm melhor pelos castigos moderados que por grandes penas; assim, a pena de morte foi abolida em todos os casos que não fossem assassinio do primeiro grau, premeditado etc., roubo grande etc. etc.”

Sobre a escravidão na América, Hipólito da Costa escreveu pouco, para quem mais tarde se destacaria como um abolicionista. No período em que esteve nos Estados Unidos, se desenrolava na Bahia a Conspiração dos Alfaiates, em que tomou parte outro pioneiro da imprensa brasileira, Cipriano Barata. A conjuração, que tinha como uma das bandeiras a abolição da escravatura, eclodiu em 12 de agosto de 1798, dois meses antes de Hipólito iniciar sua viagem, e teve seu desfecho em 8 de novembro de 1799, quando o *Diário* chegava ao fim. Se soube do movimento frustrado, Hipólito a ele não fez menção. Sobre o que acontecia no estrangeiro, ele registra apenas a insurreição dos escravos em São Domingos, em 25 de janeiro de 1799: “Hoje veio a notícia de que os negros de S. Domingos deram a morte a todos os brancos existentes nas ilhas; apesar disso os franceses que aqui há e que lá têm mil parentes e relações deram um grande baile público”. Iniciada em 1791 naquela colônia francesa das Antilhas, a insurreição, que daria origem ao Haiti dez anos mais tarde, provocou grande temor nas sociedades escravagistas e ajuda a explicar a severidade das penas aplicadas aos insurgentes no Brasil.

Sobre a situação dos ex-escravos nos Estados Unidos, as observações de Hipólito vão da crônica de costumes ao fato político. Em um dia ele escreve: “Os negros forros, aqui em New York, fazem algumas vezes assembleias com tanto luxo que a negra que vai a pé por não ter carruagem é mal olhada”. E em outro: “É notável que o negro forro está habilitado cidadão e se tem outras qualidades requeridas por lei (como a residência, certa propriedade etc.) pode votar nas eleições e ser também eleito. Na eleição passada alguns negros foram votar”.

Um trecho chama a atenção por descrever um problema que, um século depois, seria verificado no Brasil pós-escravidão. “As leis de

alguns Estados da União, que dão liberdade aos escravos, depois de servirem certo número de anos, são mais contra o escravo que a seu favor; porque o senhor aproveita o trabalho do escravo enquanto ele é moço, e o despreza depois que é velho, vindo o escravo a ficar sem nenhum amparo na idade em que mais o precisava e, com efeito, depois destas leis se veem muitos pretos a pedir esmolas pelas ruas, porque não podendo trabalhar, e não tendo senhor, não há alguém que seja obrigado a sustentá-los.”

A primeira edição póstuma do *Diário da Minha Viagem para Filadélfia*, da Academia Brasileira de Letras, data de 1955, e foi feita a

partir dos originais encontrados na Biblioteca Pública de Évora, em Portugal. Não se trata de um livro acabado. Hipólito apenas tomou notas que, provavelmente, serviriam de base para um texto mais ambicioso que nunca foi escrito. É compreensível, portanto, que a obra tenha frases de sentido obscuro, informações vagas e ausência de contexto e referências. Como escreve Oswaldo Mello-Braga na nota final, perdoando-lhe as imprecisões, o “*Diário* foi escrito ao sabor das circunstâncias”. Tais defeitos, porém, não diminuem a importância do documento, que flagra o patrono da imprensa brasileira em seu momento de formação.